ANO 2.º LISBOA--SEXTA-FEIRA, 7 DE JULHO DE 1922 N.º 386

Diario de Lisbôa

Numero avulso: 10 CENTAVOS
Administrador e editor
MANZONI DE SEQUEIRA
Tél.: 3194 e 3195-C.—End. Teleg. DIBOA

DIRECTOR
JOAQUIM MANSO
SECRETARIO DA REDACÇÃO
ALVARO DE ANDRADE

Propriedade da RENASCENÇA GRAFICA
Redacção, administração e oficinas
RUA LUZ SORIANO, 48
Impressão: Rua do Mundo, 116

COIMBRA

A cidade formosa do Mondego realiza nesta hora de fé nacional as suas festas da Rainha Santa. Há dias celebrou o congresso beirão, ela capital e coração das Beiras, e nesse congresso as aspirações legitimas subiram em palavras, preparação dos factos, até onde pode subir a confiança de um povo em si proprio. O progresso industrial dessa cidade, onde a tradição e o saber se enlearam no começo da historia portuguesa de maneira a nunca mais se separarem, manifesta-se a todo o momento, num despertar confortavel de energias.

Coimbra revive dentro da sua graça antiga como uma cidade moderna. O espirito e a fé, nunca desligados, operam o milagre de manter dentro das exigencias do tempo presente todo o belo caracter nacionalista que a cidade do Mondego guarda comsigo, seculo sôbre seculo.

Momentaneamente, mercê de impressões fugazes, na surpresa dos acontecimentos e pelo desvario de acção que é o timbre da nossa agitação—Coimbra parece triste, como uma flôr, na hora crepuscular.

Mas Coimbra rejuvenesce com toda a beleza inexcedivel da sua côrte louçã, e se o aspecto exterior dos costumes, na sua forma mais facil, deixa presupôr aqui e ali que a tradição se perdeu, logo os factos, desmentindo as aparencias, mostram que em Coimbra tudo é igual á historia de Coimbra, e que se o tempo operou uma destruição inevitavel sôbre o que podemos chamar a superficie dos habitos como a opéra sôbre a superficie das coisas mais lindas e mais fortes, o espirito se mantem moço, á altura gloriosa dos pergaminhos do saber, e o gosto das tradições, que está na alma do povo intacto como uma virtude imaculada e indivizivel, reaparece constantemente no culto simplista das populações heroicas.

Ao contrario do que bastas vezes vemos escrito, supomos que em Portugal nada se está perdendo em beleza e em fé. Da volta ao caracter da Raça, do amor tornado ás coisas da nossa terra, Coimbra está dando um sentido e vivo exemplo. Cidade da sciencia—como é logar comum para a sua descrição superficial—Coimbra é sobretudo uma cidade de consciencia. O seu saber universitario—que espalhou raios de luz sobre a Europa velha—compraz-se num equilibrio justo, inspirado superiormente, entre os dogmas inertes da erudição primitiva e as rajadas turbulentas apaixonadas da ansiedade contemporanea. Fiel da balança do pensamento, Coimbra, a douta, possui o sentido mais perfeito do que Portugal precisa em luz e alimentação das inteligencias. Gradua, como um corrector, a velocidade e o proprio calor das ideias maduras e das ideias virgens.

As festas da Rainha Santa não podem ser vistas, na sua imponencia e encanto, apenas como uma floração do espirito religioso, o que seria pouco, mas como uma prova de que não é possivel, dentro da Raça, caminhar num sentido progressivo universal desde que a ideia não nasça da tradição.

Não há desconcerto algum entre o que escrevemos e o que temos escrito, porque não se podem confundir as impressões superficiais, sobre aquilo que pode ser o vestido das coisas, com a analise rigorosa e profunda dos factos, traçada pelo talhe doce da nossa propria fé sobre a face polida dos acontecimentos iniludiveis.

Coimbra agora, cheia de sol, é um pouco a sintese de Portugal todo.

N. de A.

ESPIRITO INFANTIL

— Rezaste?
— Rezei, mamã.
— Fizeste bem. As crianças devem sempre rezar para que Deus as faça boas.
— Tambem rezei um pouco pela mamã e pelo papá...

NO Senado, o sr. Ramos da Costa protestou contra a exportação clandestina de ovos e galinhas. Houve quem o apoiasse com energia—os srs. Ribeiro de Melo e Julio Ribeiro.

Podemos dizer afoitamente que o país está com ele.

Para inutilizar a unanimidade de 6 milhões de vitimas da carestia da vida, basta que, em certos pontos da fronteira, haja o espaço bastante para que se faça o contrabando de ovos e galinhas.

Pobre Estado que nem ao menos se defende contra os que o roubam!

Pobres consumidores, na posse plena do direito de sufragio, creando senadores e deputados á discrição, mas sem a força bastante para impedir que o explorem na simples compra dum carapau!

* * *

SE a aprovação do orçamento tivesse a importancia que lhe atribuem algumas gazetas, a nau do Estado começaria a navegar, com vento favoravel. Não acontece, porém, assim. Porquê? Crêmos que a aprovação do orçamento só teria consequencias beneficas, se fôsse acompanhada duma larga obra de redução das despezas publicas. Enquanto isto se não fizer, vivemos numa terrivel ilusão.

* * *

O conde de Boury, que representou no parlamento francês os eleitores do Eure, vai entrar na ordem dos beneditinos.

Cançado do mundo, refúgia-se no claustro. Morto para as esperanças terrenas, humilha-se perante Deus. No dia em que se sinta a coberto de tentações, de braços abertos para a Eternidade, qual será a virtude forte que o faça tremer?

* * *

O «rapido» do Porto chegou ontem, á tabela—o que poucas vezes acontece. Entre os passageiros vinha o sr. conde de Castelo Mendo, empregado superior da C. P. Seria a sua presença que determinou este caso louvavel de pontualidade?

* * *

DAS noticias que os jornais vêm publicando ha uns dias, vê-se claramente que, nos armazens da Exploração do Porto de Lisboa, se tem praticado o roubo com largueza. Costuma-se dizer que o exemplo vem de cima. Trata-se agora duma excepção ou confirma-se esta regra?

* * *

ENCONTRA-SE em Lisboa ha dois dias o sr. Jorge de Abreu, ilustre jornalista e director do nosso colega portuense *O Primeiro de Janeiro.*

* * *

O *Diario de Lisboa* apresenta os seus pesames ao nosso colaborador e distinto caricaturista capitão sr. Menezes Ferreira, pelo falecimento do seu extremecido pai.

* * *

PODEMOS garantir que nada ha de definitivo acêrca das pessoas que acompanharão o sr. presidente da Republica ao Brasil.

* * *

DEVE ser posto á venda, durante a proxima semana, o novo livro de Norberto de Araujo, nosso querido camarada, intitulado *Varanda dos meus Amores.* A edição é da casa Aillaud.

DO nosso presadissimo amigo sr. dr. João de Barros recebemos a carta que segue e que fecha, por agora, a discussão levantada no *Diario de Lisboa* sobre o bloco luso-espano-americano:

«*Meu amigo*—Não abusarei mais da generosa hospitalidade do seu jornal, nem da paciencia dos seus leitores. Trindade Coelho e eu estamos, afinal, de acordo no ponto essencial da nossa discussão:—Organizar, *antes de mais nada,* e *acima de tudo,* a nossa *entente* com o Brasil, mas não fazer depender essa *entente* duma *entente* com a Espanha. O resto—temos tempo de o discutir, e não ha pressa...

Permita-me que por seu intermedio mais uma vez eu agradeça a Trindade Coelho a inexcedivel gentileza que teve para comigo, e lhe assegure a minha inalteravel amizade. De V. etc.—*João de Barros.*»

* * *

A revolução brasileira foi sufocada, e sufocáda «absolutamente» como sucede a todas as revoluções que não triunfam. Alguns oficiais do forte de Copacabana recusaram render-se, e preferiram morrer na trincheira, abandonados da fortuna e da covardia. Se não fosse este pequeno episodio heroico a revolução brasileira passaria á historia como um simples fenomeno periodico da politica trivial.

* * *

REGISTA-SE na Beira fronteiriça o que se regista no Alemtejo: os braços dos rurais emigram para a Espanha, levados por melhor soldada, mercê da pobreza da nossa moeda. Melhor se poderá dizer que os braços fogem levados pelo estomago, visto que a razão não conta. No dia em que, em Portugal, a rasão e o corpo estiverem de acordo—acabarão as crises.

* * *

O movimento de passagens para o Norte é cada vez mais intenso. Os bilhetes para o comboio 51, que é o rapido, esgotam-se 24 horas antes, havendo necessidade de permanecer horas na bicha da estação. Comprar o bilhete torna-se, para quem tem de viajar, objecto do maior e mais antecipado estudo de turismo que se poderia cenceber.

* * *

VÃO ser criadas escolas de pesca, para o que o sr. almirante Neuparth prepara o projecto. País de grande faixa de litoral, a iniciativa está na logica. O aluno entrará dentro da nova ensinansa como peixe na agua.

* * *

TRANSCREVEMOS, na terceira pagina do *Diario de Lisboa,* um trecho do interessantissimo livro de Eduardo Noronha—*A Sociedade do Delirio* que é continuação do seu romance *O conde de Farrobo e a sua Epoca.* Intitula-se: *Uma tourada historica.*

* * *

VOLTAMOS ao tipo unico de pão. Para muita gente em Portugal o pão teve sempre um unico tipo: o do pão que o diabo amassou.

* * *

O CONSUL da Grecia em Lisboa, o sr. Costas Nearchos, foi hoje cumprimentar ao seu ministerio o sr. ministro dos estrangeiros.

* * *

O SECRETARIO geral do ministerio da Instrução, o sr. dr. João de Barros, entrou hoje no goso de dois meses de licença.

Tauromaquia

Os touros de morte

Ainda a proposito da discutida questão dos touros de morte, recebemos a seguinte carta:

Sr. redactor: Continua o seu excelente jornal a tratar da questão das touradas.

V. permitirá que eu continue a dizer qualquer coisa sobre este importante assunto.

Não repare v. em não assignar porque o publico ficaria do mesmo modo ignorando quem escreve, pois sou pessoa desconhecida em Lisboa, não obstante aqui viver ha alguns meses.

O assunto «touradas» tem que ser tratado fora do campo sentimental, onde apenas é tratado pela S. P. A.

A esta industria estão ligados muitos interesses, quer de proprietarios e lavradores, quer de artistas e ainda de muitos acessorios que dão pão a ganhar a muita gente modesta.

O cavalheiro que sobre este assunto escreve no numero de hoje trata cabalmente a questão e mais não é preciso dizer.

Mas se v. me permitir eu direi ainda algumas palavras em resposta ao ilustre articulista do jornal de ontem, que respondeu ao que eu escrevi e enviei a v.

Sua ex.ª acha mais imoral a tourada do que os espectaculos imorais que se presenceiam nos cinemas, porque as touradas instigam maus tratos aos animais e as fitas não; mas então o meu ilustre antagonista prefere a perversão do genero humano pelo mau exemplo, ao espectaculo da tourada onde o que ha de «imoral», segundo a sua opinião, é a demonstração da superioridade do homem inteligente perante a força bruta da fera!

Mas, o que é sobretudo curioso é a preocupação da S. P. A. de transformar pela sua acção os instintos naturais de homem, a ponto de pedir e até exigir que se proibam as touradas!

Pois não vê a ilustre S. P. A. que não tem o direito de pedir e exigir a proibição de um espectaculo verdadeiramente nacional e de tradições tão portuguesas?! O que a S. P. A. pode é, simplesmente, fazer a sua propaganda, como qualquer pode fazer o contrario; e mais nada.

O argumento de peso apresentado pelo meu antagonista é a campanha da «El Esfera».

Ora v. saberá de certo que não é muito estavel a campanha porque a «Esfera» apenas se oporia sobre um ponto e por isso facilmente perde a oposição.

Ainda direi que as nossas elegantes «hermanas» espanholas, só dedicam a sua atenção á morte do touro, porque não as interessa o resto da tourada; é o que se observa nas touradas espanholas.

Mas, meu ilustre antagonista, eu ainda apelo para os sentimentos da S. P. A. para que alargue o ambito dos seus estatutos e trate, sobretudo nesta epoca, de proteger o bicho homem, que bem merecido é de ter quem por ele olhe, com o carinho com que v. olha pelos touros bravos.

Seria bom que o homem não atentasse contra a vida dos outros animais? Seria, mas se é impossivel, como se reconhece, para que vem a extinção ás touradas?

Empregue a S. P. A. a sua acção sobre o apoio a dar aos animais, mas desde que não vá brigar com divertimentos populares, não tendo força para lhe dar em troca senão... palavras.

Agradecendo a publicação, sou de V., etc.—*X.*

Economia e higiene no calçado obtem-se com o CREME CRISTALINO
Sapataria Contente, L.da
74, RUA DO CARMO, 74

AVIÃO
AZUL COR DO CEU DE PORTUGAL
FOI HOJE POSTO Á VENDA
3.ª EDIÇÃO 3.ª
IMPRESSA A AZUL DO JÁ CELEBRE, GRACIOSO E ENGENHOSO
Hidro-avião "LUSITANIA"
CONSTRUÇÃO DO
ABC
zinho
Á VENDA EM TODA A PARTE
Pedidos ao A B C
65, RUA DO ALECRIM, 65

RUA DO AMPARO
A SAPATARIA MAIS ECONOMICA DE LISBOA
TELEF. C. 3541

MAGAZINE

De caminho para casa em companhia de Felner, Rebelo da Silva passava na calçada da Ajuda onde diariamente entabolava conversa com o boticario Guedes. Entre os varios ornamentos deste mortal, contava-se o de fazer primorosamente a caricatura dos semelhantes. E como na ansia de notabilizar a sua habilidade nem reparava na especie de pessoas que atingia, caricaturou Rebelo e Felner em posições ridiculas, pôz-lhes epigramas mordazes e riu-se da brincadeira com os amigos.

Rebelo, ao tomar conhecimento do caso, perdeu a linha e injuriou-o; entretanto Felner apaziguava-o, puxando-lhe pela manga do casaco e dizendo-lhe baixinho:

—Paga-o com lingua de palmo!

E Felner foi ter com Procopio de Freitas, scenografo do teatro de D. Maria, e pediu-lhe que lhe desenhasse uma ratazana de pernas para o ar.

Obtido o desenho, mandou-o reproduzir depois de lhe escrever por baixo:

O honrado e sabio Guedes, douto proprietario da Farmacia da calçada da Ajuda, descobriu um novo preparado scientifico que mata instantaneamente todas as ratas sem prejuizo para as pessoas de familia.

Este prospecto foi afixado em todas as paredes e distribuido aos moradores das imediações da Ajuda. Era tal a quantidade de gente á procura do remedio, que depois se manifestava zombando ou injuriando o farmaceutico, que ele cuidou endoidecer.

* * *

Ofelia a Hamlet:

Olha que eu sou o canavial gemente
que oscila e treme... e o teu desdem oprime
ouve a minha alma inconsoladamente,
em vão pedindo á tua mão potente:
—Ai não me quebres! que mal faz o ...ine?

Gomes Leal

***

Chopin tinha 22 anos e Thomás Albert 21 quando a Societé des Concerts deu ao publico pela primeira vez, *o sonho duma noite de S. João* de Mendelsshon, então um desconhecido. Tendo ouvido elogia-lo, Chopin e Thomas Albert não quizeram faltar ao concerto. Mas o publico recebeu a novidade com tal reserva que Chopin indignado dizia:

—Mas é extremamente notavel esta composição! que poesia! que arte! que segurança na tecnica, que poder inventivo! E estes executantes, que parecem não perceber nada, não sentir nada! Vamos deixar este rapaz sosinho, sem uma palavra de coragem, de desculpa por uma tal decepção sem lhe participarmos a nossa admiração?... Vem comigo!

E os dois rapazes entusiasmados foram cumprimentar Mendelsshon e convidaram-no para almoçar com eles.

* * *

Um Auto de Gil Vicente, de Almeida Garrett, termina por Bernardim Ribeiro se deitar ao mar da janela do galeão.

Pessoa muito interessada pela sorte do poeta preguntou a Almeida Garrett se ele afinal sempre morria afogado, ao que este respondeu:

—Não sei. Isso é com o sr. Meyrelles, contra-regra. Pregunte-lhe ele.

* * *

A celebre cantora Malibrau, quando esteve na côrte de Alexandre II da Russia, pediu-lhe 60.000 francos para fazer ouvir a sua voz.

—30.000 pago eu aos meus marechais, respondeu Alexandre, julgando convence-la com tão pesado argumento. Mas a Malibrau replicou logo:

—Sim! Mande-os cantar!

* * *

Quando olho esse olhar profundo
Que me olha o meu tambem,
Não creio esse olhar do mundo
Nunca o vi em mais ninguem.

* * *

Antigamente os actores recebiam os seus honorarios e uma vela por noite. Alguns economisavam-nas e no fim do mês vendiam-nas,

Tasso tinha o camarim de sociedade com Anastacio Rosa, e cada um deles guardava as velas em seu caixote. Mas sucedia que um gatuno todas as noites roubava as velas, e acontecia que o roubado era sempre o Tasso. Nas velas de Anastacio Rosa não se tocava.

A façanha repetia-se todos os dias inalteravelmente, e Tasso resolveu descobrir o gatuno. Meteu-se debaixo da mesa do camarim, que era coberta com um pano até ao chão, e esperou.

Quando parecia que ninguem estava por ali, Tasso vê avançar o alfaiate, que ajudava a vestir os artistas, pé ante pé, receoso, atarantado, olhando em volta... Na altura em que ele ia a estender a mão para o caixote do Tasso—o mais proximo—o actor brada-lhe lá debaixo da mesa; com a voz mais soturna e cavernosa que poude:

—Essas não, que são minhas!

O alfaiate apanhou tal susto que as pernas vergaram-lhe e fugiu, aqui caio, ali me levanto. Mas as velas do Tasso nunca mais desapareceram.

CAMBIOS E BOLSA
SAQUES SOBRE O ESTRANGEIRO
Compra e venda ás melhores taxas
EXECUÇÃO DE ORDENS DE BOLSA, TITULOS NACIONAIS E ESTRANGEIROS
Pancada, Morais & C.ª
Rua Augusta, 37 (esquina da R. de S. Julião)

Telefone C. 3033 — SOUZA, MOURA & C.ª, L.DA — End. Tel. «SOURA»
CASA BANCÁRIA
103, RUA AUREA, 105
LISBOA
COMPRA E VENDA DE MOEDAS, NOTAS ESTRANGEIRAS, PAPEIS DE CRÉDITO, ORDENS DE BOLSA, CHEQUES SOBRE AS PRINCIPAIS PRAÇAS DO PAÍS E ESTRANGEIRO. DEPOSITOS Á ORDEM E A PRASO. TODAS AS TRANSACÇÕES BANCARIAS

"DIARIO DE LISBOA" Vende-se, em Paris, na "Portugaise Publicité", Boulevard Magenta, 30

Mundanismo

Aniversarios

Fazem ámanhã anos as senhoras:

D. Branca de Gonta Colaço, D. Maria Francisca Pais de Sande e Castro de Almeida Campos, D. Maria da Penha Pinto de Sousa Coutinho (Balsemão) e D. Mari Alexandrina Bessa Pinto.

E os srs.:

D. João de Lancastre, Duarte Borges Pacheco Pereira (Infias), Antonio de Sousa e Vasconcelos da Penha e Costa, João de Ornelas Bruges de Oliveira, Alexandre Inacio van Zeller, Alberto Navarro de Andrade e Carlos Pinto da Fonseca.

—Faz hoje anos a senhora baronesa de Saint-George de Amestrong, filha mais velha da senhora viscondessa de Faria.

Casamentos

Na proxima segunda-feira deve realisar-se o casamento da senhora D. Maria Rosa Coutinho da Costa Maia, gentilissima filha da senhora D. Maria Adelaide Coutinho da Costa Maia e do sr. Gerardo José Garcia da Maia, com o nosso querido amigo sr. dr. José Jardim, filho do saudoso amigo sr. dr. Joaquim Jardim e sobrinho do nosso presado amigo sr. conselheiro José Jardim.

O senhor D. Manuel de Bragança e sua augusta esposa a senhora D. Augusta Vitoria são os padrinhos do noivo, fazendo-se representar pelo sr. conselheiro Ayres de Ornelas e por sua esposa a senhora D. Maria de Jesus de Sousa Holstein de Ornelas.

—Na Beira, Africa Oriental, foi justo oficialmente o casamento da senhora D. Maria Gabriela Goulart da Silveira Caldas, interessante filha da senhora D. Ana de Goulart da Silveira Caldas, com o sr. Armindo Fortes, irmão do sr. dr. Luiz Fortes, meritissimo juiz da Relação da Beira.

O casamento ainda se realisará este ano.

—Realisou-se ontem, ao meio dia, o casamento civil da senhora D. Sara da Conceição Aguiar com o sr. Alberto Baptista Calazans. Em seguida ao acto foi servido em casa dos noivos um delicado copo de agua. Na «corbeille» viam-se muitas e valiosas prendas.

Nascimentos

Teve o seu bom sucesso a senhora D. Eugenia Maria Diniz Dias, esposa do sr. Herculano Pedro Dias.

Mãe e filho encontram-se felizmente bem.

Pontos de reunião

No Politeama

Continuam sendo um elegante ponto de reunião as recitas da explendida companhia Rey Colaço-Robles Monteiro, actualmente funcionando neste teatro. Nestas ultimas noites recorda-nos ter visto, entre outras, as senhoras:

Condessa do Ameal, D. Sara da Mota Vieira Marques, D. Angela Pinto Leite Carvajal (Ximenes y Molina), D. Izabel Fialho, D. Adelaide Bramão, D. Clara Caldeira de Pinha Machado e filha D. Branca, D. Maria Manuela Caldeira de Pinha Machado de Castelo Branco, D. Amelia Amzalack, D. Mariana Araujo, D. Mariana da Cunha Barbosa Sotto Maior Riccou, D. Maria Luiza Beires do Vale Nunes da Silva, D. Laura da Cunha Barbosa Sotto Maior, D. Maria Augusta Pinto de Vasconcelos e filhas D. Maria Alice e D. Maria Augusta, mesdemoiselles Sousa e Silva, etc., etc.

No Cinema Condes

Todas as noites este belo «cine» atrai uma selecta concorrencia; ainda ontem, na «soirée» da moda, a linda sala de espectaculos apresentava um aspecto verdadeiramente encantador, recordando-nos ter visto, entre outras as senhoras:

Condessa de Silves, D. Matilde Pereira Caldas de Vasconcelos e filhas D. Tereza, D. Paulina e D. Clotilde, D. Judite Pereira Caldas Correia de Lacerda, D. Maria das Dores Cisneiros Machado da Cruz (Queluz) e filhas D. Lucilia e D. Ester, D. Matilde Deslandes e filha D. Maria, D. Maria Tereza Braga de Meneses, D. Maria Luiza Braga de Magalhães, D. Josefa de Avillez Ferreira Pinto Basto e filha D. Maria, D. Maria da Conceição Ferreira, D. Maria Alice Pinto de Sousa Peres e filhas D. Maria Alice, D. Maria Eduarda e D. Maria de Lourdes, mesdemoiselles Castro, etc., etc.

Agenda

A nossa sociedade elegante dará «rendez-vous» amanhã nas «soirées» da moda do Cinema Condes e Coliseu dos Recreios, onde actualmente se exibe com grande exito a magnifica pelicula dos heroicos aviadores Gago Coutinho e Sacadura Cabral.

Em viagem

Regressou hoje no rapido a Amarante o sr. marquês de Ponte de Lima.

—Para as propriedades da Varzea, devem partir na proxima semana os srs. condes de Castello Melhor e seus gentis filhinhos.

—Com sua filha a senhora D. Ana Maria de Sousa Carrisso, esposa do sr. dr. Luiz Carrisso, ilustre lente da Universidade de Coimbra, regressou hoje no rapido á sua casa na Figueira da Foz a senhora D. Ana Pereira de Sousa.

—Hoje á noite regressa a sua casa de Carvalhos, em Ponte de Lima, o sr. Gonçalo de Abreu de Pereira Coutinho.

—Partiu ontem para a Guarda o sr. dr. Armando Cancela de Abreu, devido ao falecimento de seu sogro, o dr. Lobo de Carvalho.

—Partiu para a Guarda, a fim de assistir aos funerais do sr. dr. Lopo de Carvalho, o sr. José Rito dos Santos.

COMPRA E VENDA DE PROPRIEDADES
A SOCIEDADE PORTUGUESA DE ADMINISTRAÇÕES
ENCARREGA-SE DA COMPRA E VENDA DE PROPRIEDADES
CALÇADA DO SACRAMENTO, 14-1.

FURUNCULOS
Diabetes, doenças da pele e dos intestinos
curam-se com fermento d'uvas Formosinho
Farmacia Formosinho
Praça dos Restauradores, 18
LISBOA

LIVROS NOVOS

"O CONDE DE FARROBO E A SUA EPOCA"

Do romance "A Sociedade do Delirio"

DE EDUARDO DE NORONHA

trancreve-se o capitulo "Uma tourada historica"

A's cinco da tarde nem mais um atomo de pó cabia nas bancadas do tôsco casarão redondo. A pipa municipal borrifou a pista. A areia, um instante de côr mais carregada pelo contacto dos borrifos, logo retomou o tom incandescente do sol a bater-lhe em cheio em quasi todo o seu perimetro e a converte-lo em granulado tapete de açafão. Em frente da tribuna real duas bandas regimentais tocam alternadamente marchas, musicas populares e á moda. O conjunto de alguns milhares de pessoas a conversar formam um susurro como o de vento um pouco forte incidindo em basto arvoredo ramalhudo, através do qual estrugem em notas ásperas, fanhosas, plangentes ou cantantes, o apregoar dos vendilhões Bandeiras de todos os paises fluctuam em dezenas de mastros; dos camarotes pendem colgaduras raras:

—Viva o barão de Almeirim!—gritam do sol quando esse titular toma assento, como «inteligente», no logar da presidencia.

—Vivam os lavradores que ofereceram o curro para esta corrida, o conde de Belmonte e barão de Almeirim!—vitoriam do outro lado.

A corneta dá o respectivo sinal. Abrem-se as portas do cavaleiro e surge na arena, conforme as praxes, a azemola das farpas, rodeada pelos moços de forcado. São eles nessa historica tarde José Cristiano Velozo da Horta, Luis Pereira Forjaz, José Inacio Rodrigues Teixeira Mourão, Antonio Gomes Belford, Luis Antonio Soares, Antonio José de Sousa e Almeida, F. M. A. e J. M. E., que, evidentemente por modestia ou para não se quererem meter em bulhas da politica, ocultavam os nomes com iniciais. O neto, Antonio de Canto e Castro, ladeado dos andarilhos, faz as cortezias com aristocratica elegancia e convida a entrar os dois cavaleiros. Entram, montados em esplendidos corceis, sumptuosamente ajaezados, o conde de Vimioso e Joaquim Antonio Victo Moreira, oficial de cavalaria e mais tarde estribeiro menor do paço. Seguem-nos os bandarilheiros ou *capinhas:* D. José de Almeida Melo e Castro, Luis Maria Teles de Melo, Manuel Rodrigues Martins, Raimundo Antonio de Bulhão Pato, Francisco Monteiro Talone, D. F. de Carvalho, Luis Aranha de Menezes, Antonio Augusto Coelho de Magalhães, Francisco Raposo Espargosa, Jorge Guilherme Lobato Pires e A. M. P. Desempenham os logares de moços do touril Francisco Carneiro Zagalo e Luis de Melo e Castro. A cada sorte rematada com excepcional destreza os espectadores, erguidos pelo impeto de um entusiasmo irreprimivel, saúdam:

—Viva o conde de Vimioso! Viva o cavaleiro Victo Moreira!

Segundo uma critica desse espectaculo sensacional o primeiro «excedeu a sua propria reputação» e o segundo farpeou «com muita pericia». Melo e Castro, eximio com a capa, logo no primeiro boi feriu-se com certa gravidade num pé. No intervalo, no boi destinado a curiosos, apresentam-se no redondel D. João de Menezes e Melo e Castro; trajam de Alcibiades, isto é, vestidos de malhas e apenas com uma pele a descer-lhes do ombro; montam cavalos em osso, governados por simples cordões de seda. Ambos, de fórmas esculpturalmente masculas, arrancam um unisoso, vibrante e entusiastico brado de surpreza á compacta assistencia. As damas de todas as classes deliram, e, não se arreceando dos despeitos e ciumes que provocam, bastante saúdam com os lenços, envolvem os dois magnificos cavaleiros num nimbo alvejante de admiração e sublinham-no com as mais significativas ovações com que os arfantes peitos femininos aureolam o homem que os faz vibrar. Despedido de um camarote, um lenço efervescente de rendas, perfumado como as rosas em abril, bate certeiro no peito de D. João de Menezes, que o colhe, beija e entala na pele de leopardo. A multidão aplaude num paroxismo de loucura.

As pégas completaram o delirio da tarde. Houve duas que excederam todas. Uma, de cara, de Luiz Forjaz; outra, de cernelha, de José Horta. Numa delas, quando os forcados correm animosos e obstinados atrás de um *malesso*, que não se deixava agarrar, o *sol*, em peso, levanta-se, e brada:

—Basta! Basta!

A tourada findou com o mesmo ardor com que começara. A maioria dos *aficionados* desejaria que a diversão se prolongasse indefinidamente.

Fora, juntaram-se num grupo, á espera que os seus *batedores* se aproximassem, o marquês de Niza, conde de Vimioso, o Cazuza, Bulhão Pato, Paulo Midosi, Tiago Horta, Cunha Sotto-Mayor, etc., o escol dos tafues.

—Onde vamos jantar? — pergunta Tiago Horta.

—Ao Marrare das *Sete Portas* — propõe o conde de Vimioso.

—Vamos—condescenderam todos.

As seges abalaram a galope, rasgado quasi vertiginoso, das osseas pilecas, mas mais velozes que o mitologico Pégaso, em direcção do Arco de Bandeira. Ocupavam as mesas da tipica sala personalidades bem conhecidas no meio lisboeta. No entanto, os criados tanto barafustaram que arranjaram logar para o grupo recemvindo. A clientela comia, bebia e discutia, em geral, em altos berros. Na limitada agremiação dos comediantes da epoca, viam-se Teodorico, Epifanio, Tasso. Aguardavam ali a hora de ir para os teatros da Rua dos Condes e de D. Maria II a fim de representarem a *Profecia*, o *Templo de Salomão* e outras peças muito do agrado do publico nessa quadra. Da sala do bilhar chegavam até aos convivas o som caracteristico do choque das bolas de marfim, e o murmurio ora ciciante ora desabrido dos *mirones*, dos comentadores, dos que faziam apostas, dos que saboreavam o seu café antes de tomar rumo para qualquer diversão. Os outros comensais olhavam com curiosidade, não isenta de admiração, para os tafues fidalgos toureiros.

Estes, depois de saciadas as reclamações mais feroses do seu robusto apetite, conversaram. O diapasão subia á medida que as libações se amiudavam.

—Este estabelecimento é «*Forum* e tribuna, escritorio e praça de comercio, palco e ribalta, onde se representam dramas sentimentais e comedias burlescas, o decano dos botequins da Baixa, sucessor das glorias do Nicola e doutros respeitaveis ascendentes»— diz Paulo Midosi.

—O seu proprietario, o *Manuel Espanhol*, o Manuel Antonio Peres, educa o seu pessoal de forma unica. Saem daqui mestres na arte de fornecer saborosas iguarias, como sucedeu aos seus caixeiros, que fundaram uma casa de pasto, o *Hotel des Amis*, no Campo Grande, ha nove anos, em 1839, e que transferiram depois para Cacilhas.

—E educa-os igualmente na arte de carregar nos preços.

—Mas aí teem o Domingues, o gerente da casa, que nunca regateia lauta ceia a ninguem, que se limita a assentar na costaneira a divida dos pisa-flores que vêm cá banquetear-se, e que, na maioria dos casos, não pagam nunca.

—Ah, descança, os outros pagam por si e por eles.

—Tambem teve a gloria de ser seu empregado, até 1832, o Alexandre Fernandes da Fonseca, o iniciador das associações de socorros mutuos no nosso país.

—Antigamente era este o templo dos politicos, dos literatos, dos artistas, discutiam-se aqui os mais levantados problemas da Humanidade...

—Agora é frequentado por toureiros, por amadores taurinos como aqueles, por indolentes e preguiçosos como nós—acusa Oliveira Marreca com voz sumida.

—Protesto que se malsinem as touradas e os toureiros—contraria um dos presentes irritado—A luta do homem com o touro inicia-se pelas exigencias do instinto de conservação; traduz-se num gosto irresistivel pela caça; transforma-se na paixão inebriante de um divertimento audaz; modifica-se num caloroso entusiasmo pela supremacia da força; condensa-se num impeto feroz de morrer nas hastes de uma fera enraivecida; compraz-se em fazer da equitação uma arte perfeita e nobre; aperfeiçoa-se a tal ponto que, com uma delgada correia, segura na carreira vertiginosa um colosso de força e de rapidez; metamorfoseia-se na fantastica agilidade dum artista que fere impunemente um animal bravio sem ser dilacerado; empenha-se em que um ser fraco chame de frente, cara a cara, peito a peito, um animal poderosissimo, o enlace e o subjugue; e termina impoudo-se pela magestade sublime de um *matador*, que chama a si um adversario, o incita, o desafia, e a pé firme, esperando a arrancada, lhe enterra um estoque até o punho.

—Essa é que é a boa doutrina...—troveja o inflexo varonil de Bulhão Pato.

Neste instante surge numa das portas um rosto petulantemente malicioso de mulher.

—Olha a Severa!—exclamam todos.

O conde de Vimioso encara a afamada cantadeira de fado da Mouraria. Circunvaga a vista em redor. Como não se sentisse com coragem de a mandar entrar, dirige-se á rua, conversa com a baixa hetaira durante um quarto de hora, despede-a, volta para junto dos seus amigos, e diz:

—A Severa oferece-nos nos seus *salões*, no seu rez do chão da rua do Capelão, um sarau de canto e baile.

Os restantes convivas trocaram um breve relancear de interrogação, e o marquês de Niza declarou:

—Aceitamos o amabilissimo convite da dengosa castelã no palacio de que és senhorio.

—E de que ela não paga renda—observa Oliveira Marreca.

—Não tenho coragem para pôr a nenhum inquilino os trates na rua.

—Faz, como o da anecdota; nunca chegava a esse extremo... conformava-se em ficar com os moveis.

POLITEAMA

Continua em pleno sucesso

O Segredo

: Na proxima semana :

A RIVAL

com

Palmira Bastos e **Amelia Rey Colaço**

COLISEU DOS RECREIOS

HOJE — ás 21 (9 horas da noite) — HOJE

O «film» de extraordinario sucesso

O raid Lisboa-Rio de Janeiro

Todos os detalhes da viagem dos heroicos aviadores

Novos pormenores das festas e manifestações que lhes foram feitas em terras brasileiras e que ontem foram recebidas em Lisboa

Penultima exibição

do magnifico e sensacional «film»

DANTON

ESTREIA

no Coliseu, da sensacional pelicula de LARRY SEMON

POR UM MILHÃO

Dentes artificiais

BERNARDINO NUNES

Rua da Palma, 40, 1.°

Muito mais baratos, de origem alemã e ::importação directa:: Colocam-se aptos á mastigação, sem despeza de extracção ou ::::::: consulta :::::::

AVENIDA ás 21,15

O Papão

Grande sucesso de gargalhada

COMPANHIA DOS CAMINHOS DE FERRO PORTUGUESES

Aviso ao Publico

SOBRETAXAS

A partir de 15 de julho de 1922 e em harmonia com a autorização concedida pelo decreto n.° 7.959 publicado no *Diario do Governo* de 3 de janeiro de 1922, é elevada a 300 0|0 a sobretaxa de 250 0|0, actualmente em vigor nas linhas desta Companhia, para todas as cobranças relativas a passageiros.

Fica pelo presente modificado o Aviso ao Publico A n.° 43 de 4 de janeiro de 1922 e anulado o Aviso ao Publico A n.° 44 de abril de 1922,

Lisboa, 3 de julho de 1922.

O Director Geral da Companhia

Ferreira de Mesquita

COMPANHIA DOS CAMINHOS DE FERRO PORTUGUESES

LEILÃO

Em 17 de julho proximo futuro e dias seguintes, ás 11 horas, por intermedio dos agentes de leilões srs. Casimiro Candido da Cunha & Sobrinho, Sucessores, na estação desta Companhia em Lisboa, Cais dos Soldados, e em virtude do Aviso ao Publico A. n.° 1, de fevereiro de 1920, do Artigo 112.° da Tarifa Geral e do Artigo 9.° da Tarifa de despezas acessorias, proceder-se-ha á venda, em haste publica, de toda as remessas incursas nos respectivos prasos, bem como de outros volumes não reclamados.

Avisa-se, portanto, os respectivos consignatarios, de que poderão ainda retirá-los, pagando o seu debito á Companhia, para o que deverão dirigir-se á repartição de reclamações e investigações na estação do Cais dos Soldados, todos os dias uteis, até 15 do referido mês de julho, inclusivé, das 10 ás 16 horas.

O leilão realiza-se no novo armazem situado ao fim do molhe n.° 5 da referida estação de Lisboa, com serventia pela porta existente na rampa da calçada de Santa Apolonia, defronte do gradeamento.

Lisboa, 30 de junho de 1922.

O Director Geral da Companhia

Ferreira de Mesquita

APOLO Telef. N.-4.129

Ultimos espectaculos da COMPANHIA RUAS na actual temporada

HOJE — A interessantissima revista fantasia

A VIDA

com 22 deslumbrantissimos quadros, cheios de graciosidade, animação e linda musica no Quadro do Circo com clowns, equilibristas, fantoches, patinadores, etc. — Sucesso colossal

ARTIGOS E INFORMAÇÕES

A Cidade

CRONICAS E ENTREVISTAS

Chá das cinco

Pensamentos

Ouvindo a voz do mar que chora e canta
Sem trégua o seu tormento.
Parece-me escutar a Dôr, que chama
E nessa voz, que eternamente clama,
Se eleva ao ceu distante, num lamento.

Tu, que não sabes sentir,
—Que estranha contradição!—
Crês que é eterno, infinito,
Tudo o que julgas escrito
Dentro do meu coração.

Não ficaste convencido
Que eu te pudésse esquecer...
O que muito tem vivido
Já pouco pode viver.

Sempre a razão nos convence
Que tudo—amor ou maldade—
Principia a ser verdade
Desde a hora em que se pensa.

Tambem morre como a gente
Um grande amor, afinal...
Pode ser lento o seu mal,
Pode morrer de repente.

Maria de Carvalho

Nota Financeira

O artigo 10.º do decreto sobre Comercio de Cambios, que aqui temos apreciado, determina que todos os dias uteis, ás 16 horas, se abra nas Bolsas Oficiais de Lisboa e Porto a praça de compra e venda de especies metalicas, e de divisas cambiais estrangeiras, encerrando-se pontualmente ás 16 horas e meia.

Ao sábado, a praça realisar-se-á das 11 e meia ás 12.

Analisemos.

Saírá dali uma cotação real, que seja o resumo ou sequer o reflexo da oferta e da procura das especies metalicas?

Não crêmos, porque para isso seria necessario que o comercio bancario pudesse praticamente ser coagido a revelar as suas necessidades de compra e de venda.

Ora não só não seria realisavel essa coacção, como ninguem se lembraria de a decretar, certo e sabido que os proprios corretores oficiais das Bolsas de valores são, por lei, proibidos de declarar de quem emanam as suas ordens.

Se fosse pratico o que esse artigo 10.º do decreto pretende alcançar, ha muito que o comercio bancario lhe teria dado execução voluntaria, reunindo-se sponte sua, e fazendo entre si o que a lei lhe exige, agora.

Que não é pratico, afirma-o o facto da discreção com que se faz a corretagem de cambios.

Daí só virá, como satisfação ao decreto, uma nova especie da «taxa fixa», de cambio artificial que, longe de provocar um afrouxamento cambial, mais agravará os cambios, como se viu no outono passado.

Um unico objectivo vêmos ás Bolsas de Cambios: o comercio de cambios ser activiado da suspeita de que o agravamento resulte de interesseiros e anti-patrioticos manejos seus.

Atingir-se-ha esse objectivo?

Se se jugular o mercado clandestino, e se se conseguir que o particular não aferrolhe as suas cambiais, á espera que o mercado clandestino lhe ofereça preços cada vez mais tentadores e mais afastados do cambio fixado pelas Bolsas, talvês.

Doutra forma, esse mesmo objectivo moral pode dar um resultado contrario e contraproducente.

Por qualquer aspecto que se encare o decreto, não lhe auguramos grande exito e cada vez nos intriga mais que um governo, que, nos considerandos do decreto, reconhece a ineficacia da abundante legislação sobre comercio de cambios, se ponha a legislar.

CAMBIOS
Dia 7

	Comprador	Vendedor
Libra esterlina	66$500	68$000
Londres, cheque	32 7/32	3 13/11
» 90 d.	3 7/8	—
Rio Londr.	7 1/2	—
Paris	1$130	1$140
Itália	624	634
Bélgica	1$060	1$070
Suiça	2$675	2$705
Espanha	2$195	2$220
Berlim	$029	$033
Holanda	5$425	5$475
Nova-York	14$000	14$150
Austria	1/2	1 1/2
T. Desc. Banco de Inglaterra	—	—
» » » Portugal	—	—
Ágio do ouro	1.300	1.400

OURO
SÓ PELO PESO, SEM FEITIO
6, RUA DA PALMA, 12
UNICA CASA QUE TEM UM PAVÃO

FESTEJOS TRADICIONAIS

A RAINHA SANTA

Uma cronica impressionante do nosso enviado especial a Coimbra

Milhares de pessoas assistem ao desfilar da imponente procissão coimbrã

Coimbra esta manhã amanheceu pluvial e triste. Chovia muito. Nas ruas e nos largos, os mastros, abrindo seus braços de festões de flôres, estatuas de anjos clamando fama, tinham um ar de tristeza e de desolação. Mas todos nós esperavamos no milagre, que o sol seria outra vez fios de oiro como ontem, como há seculos, quando a Rainha Santa dava o milagre da sua voz aos pobres, o milagre do seu riso aos pobres, as suas rosas a todos. O Anavas pai, que é da confraria da Rainha Santa, logo pela manhã se pôs a pé a espreitar as estrelas. Não as havia no céu e ele entristeceu pela sua linda festa, pela sua linda Rainha. Mas se ela tinha o ano passado feito o milagre da luz, porque o não faria hoje, como sempre?

Antes da tarde o ceu clareou, o Mondego põe oiro, a musica andou pelas ruas.

***

A's 8 horas fui para Santa Clara. Coimbra de chuva era agora Coimbra de agua.

Ficava para trás, branquinha como a Santa Rainha que ela olha em frente, esguia como ela, palida de luz como ela, com suas sombras de oiro a tocar-lhe as pestanas das janelas, como ela.

Um mosteiro, um sino tocou, mil sinos, o ceu abrazado de som e toda a gente a correr.

A cidade agora, já a distancia, como na sombra maritima, murmurante de sons, tanto os sinos se inclinavam, tocando sempre.

A calçada de Santa Clara, tocando tinha colchas, cada janela sua, não havia logar para mais. Balões. Mastros erguidos com os galhardetes da Cruz de Cristo, sangrentos, porque a chuva os tornara assim.

Romeiros e pobres, leprosos e aleijados, murmurações de dôr e cantigas de igreja. Profetas de longas barbas a nivarem desgostos, torcidos e aleijados, cortejos de Lourdes e de Jerusalem. Sossegai!

A Rainha Santa não tarda! Vem outra vez para os milagres das rosas, vão ter vista os cegos, alforges cobertos de oiro, o coração mais rutilo que a chama. Sossegai! A Rainha Santa...

Ei-la que aparece no adro da igreja de Santa Clara, onde todos os sinos tocam e o povo ajoelha e eu tenho lagrimas e hei-de ajoelhar na lama, rezando tambem, por mim e por ti. A noite cai, o Mondego é tão azul como um caminho que vai ter ao mar e depois a Deus.

As estrelas floriam o ceu; ha grandes rastos de roxo nas aguas.

A procissão já está toda noadro. Dez mil anjos, quinze mil pessoas, todas com tochas, com velas, com contas. A frente a irmandade de Nossa Senhora do Conceição. Guião, cruz alçada, criancinhas de dois anos, vestidas de rosas, com oiro, com inocencia, rezando. Dez mil anjos; dez mil milagres que a Rainha fez. São os que se curaram quando o medico dizia: resignação! São os que sabem amar a Rainha, que é tua, minha linda menina que vais ao colo, tão pequenina és! E aquela outra, Rainha Santa pequenina, de manto roxo, com as mesmas rosas, distante de tudo, envolvida na tua alma, corpo apenas para recolher, como um vaso, como um Cristo o aroma do espirito?

Ha uma mulher que vai de preto, descalça, mãos atadas, em prece; outras amortalhadas de palmito e capela; virgens aos pares; anjos aos milhares, todos brancos. Agora é uma mulher cujo marido foi á guerra e voltou heroi e não ferido, milagre de Santa Izabel, que vai como ela quando ia a Santiago de Compostela, com o mesmo bordão, a mesma estamelha, a mesma corda.

O crepusculo é de luar, a paisagem está toda em oração, abriu um roseiral branco. A procissão é agora apenas de anjos. Rasto do céu branco e «Via Lactea», milhares de estrelas a tombar, comunidades de freiras descalças embrulhadas em mantos duma peregrina alvura. Petalas, petalas, petalas!

Depois vem a confraria da Rainha Santa. As musicas tocam. Cada homem traz uma vela acesa, cada anjinho a luz da sua alma na lumieira do cirio. Caminham a passo, a passo de oração.

De negro profundo, descalças, a chorar, virgens de pecados, cabelos caídos, lagrimas, muitas lagrimas, rostos convulsos, as mulheres da confraria.

Minha Rainha Santa, és tu? Ajoelhai. Ressuscita-te! Aleluia! Gloria! O teu andor traz as rosas, o teu rosto anima-se e a tua serenidade é a mesma, plena de grandiosidade e de sonho. Vai descer descalça, ao teu Mondego, á tua cidade, que te viu rainha, freira, e morta. As tuas roupagens, que são roxas, têm o sôpro de todas as almas que te acompanham. A luz é muita, mas dôce, carinhosa e suave. Pela calçada que vai parar á ponte, corre um rio silencioso de luz, formado de mil luzes, que são mil velas. A musica toca; ninguem fuma. O clero de branco; os mesarios com as suas varas de prata. O ceu ilumina-se de foguetes. A luz é verde e oiro e tem lagrimas de prata que caiem no rio, como perolas soltas. A atmosfera está toda abrazada. E, lentamente, perdidamente, para sempre, a procissão desfila, com seus anjos lindos; este é de Murillo, aquele de Rubens, gordo e louro, que adormeceu aos ombros do pai.

Ao meio das duas filas de irmãos das confrarias e de mulheres descalças, caminham as promessas. Rainhas santas, freiras, virgens. Izabel, como um lindo anjo espiritual, entra na ponte, numa assumpção deslumbrante de fogo. Outra girandola. No ceu é dia, maravilhoso e surpreendentemente dia. A Santa tem o seu breve e fugaz sorriso resignado.

Em Coimbra, as casas são todas brancas,

(Vêr continuação na 8.ª pagina).

ESTÁ PROVADO
e é reconhecido por tados quantos ali vão, que se economisa
10.000 réis
em cada metro de fazenda comprando os fatos a
MARTINS & LEITÃO, L.DA
Travessa de Santo Antão, 1, 2.º, *representantes em Lisboa de* **SILVA & C.ª, da Covilhã**
Os preços, os padrões, 84, actualmente, a qualidade das fazendas não temem confrontos e desafiam toda a concorrencia
Temos fazendas em deposito para satisfação imediata dos pedidos dos nossos clientes e enviamos amostras a casa dos mesmos, em Lisboa.

Os Teatros

O dia das actrizes

Como era de prever, á reunião de ontem, no teatro Politeama, compareceram muitos actores, actrizes, jornalistas, escritores, scenografos, etc., mostrando-se todos sinceramente empenhados em contribuir com a maior boa vontade para que as festas dos artistas, nos proximos dias 15, 16 e 17, se revistam de grande brilhantismo e sejam o inicio memoravel dos festivais que a gente de teatro e do jornalismo, unida num generoso ideal, resolveu promover todos os anos.

Entre outras deliberações, ficou resolvido que, no primeiro dia de festas, que cai a um sabado, seja publicado um jornal, intitulado «O Dia das Actrizes», o qual terá a mais profusa e escolhida colaboração, devendo ser vendido em toda a cidade pelos artistas de todos os teatros.

Duas «troupes» ambulantes, com um vasto e interessante repertorio, percorrerão, no mesmo dia, os principais cafés e casas de chá de Lisboa, recitando versos, cantando arias e «romanzas» e dizendo monologos e cançonetas.

Na festa do Jardim da Estrela, generosamente cedido pela Camara Municipal, além do que já anunciámos, haverá uma barraca de «pim-pam-pum», uma adega da Beira, organizada pela companhia do Politeama, uma casa de chá dirigida por Chaby Pinheiro, uma barraca de figuras de cera e muitas outras atracções, de que pouco a pouco iremos dando nota.

No sarau do Coliseu dos Recreios, gentilmente oferecido pelo seu emprezario, sr. Ricardo Covões, entre outros numeros de sensação, já podemos anunciar: um magnifico trabalho de ilusionismo, pelo engraçadissimo actor Nascimento Fernandes; a Dança Serpentina, pela gentil actriz Maria de Lourdes Cabral; pesos e alteres pelo distinto actor Luiz Pinto, etc. etc.

A revista «Valha-nos isso!...»

Com uma enchente, estreou-se ontem no teatro Gil Vicente a revista em dois actos do nosso camarada na imprensa Victor Machado, «Valha-nos isso!...». Escrita despretenciosamente, polvilhada de graça, montada com gosto, a revista teve bastantes numeros justamente bisados e que fariam excelente figura em qualquer das trabalhos congéneres que ora se exibem nos teatros centrais.

A companhia, que é modesta, consegue sobresair em conjuncto, merecendo menção especial os nomes de Julia Pinto, Beatriz Pires, Rogelia Cardô, Elisa Ferreira, Constantino de Carvalho, Ernesto Silva, Arnaldo Costa e José Tavares.

«Valha-nos isso!...» fará carreira longa no elegante teatrinho da Graça.

Atrás do reposteiro

Esteve hoje na nossa redacção o distincto maestro Manuel Benjamim, que veiu agradecer ao «Diario de Lisboa» as justas palavras que a seu respeito escrevemos, quando da recita de homenagem que lhe foi dedicada.

A companhia Luis Ruas, que tem estado no Apolo, segue ámanhã para o Porto, onde vai fazer a epoca de verão no Nacional, daquela cidade.

—Foi entregue e aceite pelo emprezario Luís Ruas a revista «Caldo Verde», de Barbosa Junior e Silva Tavares.

—Vai ser concedida licença aos artistas societarios do Nacional que vão em «tournées» á provincia e trabalhar em companhias de declamação. Os seus requerimentos, entregues ao comissario do governo, têm já o parecer favoravel do administrador do Nacional.

—Os actores Nascimento Fernandes e Carlos Leal desistiram de formar empreza no Eden-Teatro para a proxima epoca de inverno, como era seu intento. Parece que a exploração dessa temporada será feita com programas de variedades.

—Partiu para os Açores, em «tournée», seguindo a bordo do «Azia», a actriz Carmen Osorio.

—Diz-se que a exploração do Aguia de Ouro, do Porto, para a proxima epoca de inverno será feita por uma empreza á frente da qual estarão três profissionais de teatro.

—Ao contrario do que foi afirmado por um jornal da manhã, o guarda-roupa da revista «Boas festas» será do professor Castelo Branco.

—A estreia da companha Otelo de Carvalho no teatro Nacional do Porto efectuar-se-há com a revista «Gija-Joga» de Antonio Carneiro e André Brun, aumentada com um quadro novo.

—A actriz Emilia de Oliveira pensa em remodelar a sua companhia e seguir em breve praso para as ilhas.

—O director de orquestra e maestro do Apolo, durante a temporada que vai iniciar-se, é Luís Filgueiras, musico distintissimo e inspirado compositor.

—O cinema que foi construido na Feira do Parque Mayer vai ser transformado em teatro.

POLITEAMA Hoje, **O Segredo**—Brevemente: **A Rival**, com PALMIRA BASTOS e AMELIA REY COLAÇO

A Cidade

ARTIGOS E INFORMAÇÕES — CRONICAS E ENTREVISTAS

"AVANT-PREMIÈRE"

A EPOCA EM SÃO LUÍS

O escritor André Brun FALA-NOS da 'Revista de Praxedes'

André Brun, humorista de nascença e oficial do exercito de linha, com largo estagio de primeira linha na grande guerra, não marcou passo no teatro. Como já escrevia para o theatro em pequeno, interpretando as suas proprias peças em qualquer recanto de pateo, de sociedade com improvisados artistas do seu tamanho, quando atingiu a maioridade e sentiu a responsabilidade de ter piada, não se acobardou. E escreveu e venceu. Hoje possue já no seu activo de intelectual algumas dezenas de trabalhos teatrais que cairam em graça.

Pois é com uma nova produção de André Brun que o teatro S. Luís inaugura ámanhã a epoca de verão.

Ouçam os leitores o que nos disse o autor:

—*Á revista de Praxedes?* E' uma revista e nada mais. E creia que já não é pouco. E' habito, na republica das letras, considerar a revista como um genero banal, corriqueiro e facil. Até certo ponto compreende-se essa opinião desde que temos visto criaturas quasi analfabetas, sem a minima cultura, incapazes de escrever uma carta intelegivel, assinarem revistas que são representadas. Por mim, considero a revista como um genero de teatro dos mais interessantes e dos mais dificeis. «De acordo com o modo de vêr de Parvlowski confesso que antes queria ter escrito a scena celebre da revista dos Capucines em que Signoret, nas vesperas da guerra, incarnava o celebre Voltaire do *foyer* da Comedia Francesa, do que *A Morgadinha de Valflôr*, por exemplo...

—E tem confiança no exito da *Revista de Praxedes?*

—Ignoro a sorte que lhe está destinada. Do que ela vale, por si mesma e pelas suas intenções, dirão a Critica e o Publico. Uma coisa, porém, posso afirmar antecipadamente: a peça que o S. Luís vai estrear é uma peça limpa, que diz francamente a sua opinião e que, nas horas dificeis que atravessamos, aconselha o amor a esta terra. Falta talvez em certos quadros aquele *piaduncho* que força facilmente a gargalhada. Creio ter demonstrado que sei fazer rir quando quero. Quiz desta vez, em certos momentos, fazer pensar... Muito pouco, não se assustem.

—Quem são os seus colaboradores?

—A musica é de Vasco de Macedo, um talento legitimo, que—como raro—se acompanha de uma modestia que mais o valorisa. Meia duzia apenas de numeros estrangeiros, entre os quarenta dos dois actos. Tudo o mais é musica original. Dos outros colaboradores já falei na imprensa. Todos eles me emprestaram o seu talento. A critica e o publico lhes fará a justiça que eles merecem na proporção dos seus esforços.

—A companhia?

—Alegre e moça. Não tem *estrelas*, porque eu proprio assim o quiz. Na minha vida de autor dramatico, se alguma cousa devo aos grandes nomes do nosso teatro, não menos grato tenho que ser a artistas modestos que fui encontrando aqui e acolá.

—De modo que tem a impressão de que o Praxedes se portará como um homem na ribalta?

—Pareceu-me que Praxedes, aquele pequeno burguês alfacinha que creei nas minhas cronicas da *Capital* e que o publico acompanhou com simpatia, era o *compadre* ideal da revista do momento. Ele, coitado, modesto funcionario, que não se faz novo rico e se não pode pôr em greve, que não faz revoluções e só deseja que se consiga viver, sabe melhor que ninguem onde o sapato lhe aperta. Quem o conhece sabe que ele é de poucos impetos, conciliador, que não ofende ninguem, nem incomoda o proximo.

O publico verá, pois, como ele se comporta no momento em que lhe é distribuido um papel unico na historia de Portugal e lhe é permitido realisar todos os seus sonhos. E já agora permita-se-me um desejo: oxalá o publico se divirta acompanhando o meu homem.

PORTUGAL ULTRAMARINO

Os Altos Comissarios

É UM PERIGO A LARGA AUTONOMIA QUE FOI DADA ÁS NOSSAS COLONIAS?

O oficial da armada sr. Peres Trancoso FALA AO «DIARIO DE LISBOA»

sobre a acção dos srs. Norton de Matos e Brito Camacho e sobre a obra nacionalista das missões religiosas

O sr. Francisco Xavier Peres Trancoso, ex-ministro das Finanças, ex-comissario dos abastecimentos, e oficial de marinha distinto, regressou há pouco duma viagem de estudo ás nossas colonias, continuação dum inquerito que anda fazendo á economia portuguesa. Era, pois, interessante ouvi-lo, neste momento, em que sobre o nosso imperio ultramarino cáem, com interesse e sobressalto, os olhos de estrangeiros e de portugueses.

Não julguem que a entrevista se realizou nalgum desses pesados casarões a que chamam repartições. Não. Foi no *Silva*, á hora do almoço. O nosso entrevistado, á paisana, modestamente, como qualquer que nunca foi ministro das Finanças,

Feita a primeira pregunta sobre a sua impressão ácêrca do problema colonial, o dialogo surgiu naturalmente:

—Assim, em bloco, é-me dificil responder-lhe. A impressão sobre o esforço português é magnifica. Sobre o esforço *individual*, claro... Não só em territorio português como nas colonias estranhas, no Congo Belga, em Fernando Pó, colonia espanhola, etc., onde grande parte da produção e do comercio está nas nossas mãos. Em toda a Africa isso acontece.

O nosso entrevistado pede-nos que acentuemos bem a sua enorme admiração por aqueles que em Africa, no interior, mourejam anos inteiros, privando-se de tudo, para ajudar a sustentar muitos vadios da metropole:

—Eles ainda são a argamassa que sustenta o nosso imperio colonial. E de todos os colonos europeus, os nossos são os melhores, sob todos os pontos de vista. São uns verdadeiros herois!

—Diga-me V. Ex.ª: a administração colonial...

—Aí não correm as coisas bem. Teoricos e idealistas, desprezando as realidades, fomos atraz da autonomia administrativa das colonias, e concedemo-la em conjunto, sem nos lembrarmos de que nem todas estavam em condições identicas para a receberem. Uma administração no Terreiro do Paço, livre de politiquices locais, foi substituida por outras administrações pessimas. Cada um aumenta despezas, cria logares, legisla como entende. E' a anarquia na administração colonial, aliás, de prever...

Fala-se agora de S. Tomé—que, no dizer do sr. Peres Trancoso, é agora um quadro de revista do ano:

—Essa provincia riquissima, que antigamente tirava dinheiro dos seus cofres para outras colonias, hoje passa meses sem ter dinheiro para os funcionarios. Ainda ha pouco o cofre de repatriação sofreu um rombo... Depois, perseguições, vexames, coisas ridiculas... um nunca acabar!

* * *

Os Altos Comissarios merecem um capitulo especial. Quando preguntámos ao sr. Peres Trancoso o que pensava da criação desse logar e da acção deles, o nosso entrevistado hesitou, pensou alguns minutos se devia ou não calar-se. Por fim...

—Neste país de extremismos, ou tudo ou nada. Antigamente, centralisação absoluta. Hoje autonomia absoluta, tão absoluta que por vezes chega a parecer independencia. Os Altos Comissarios legislam, sobretudo em materia economica, como se fossem independentes. Para eles a metrópole não existe. Não publicam nem fazem cumprir leis do continente, em materia economica e politica...

Cita-nos, por exemplo, a lei de protecção á marinha mercante portuguesa.

—Cada um actua para seu lado, não se importando com os outros. Daí a confusão, a anarquia, no nosso problema economico. Ha leis promulgadas que contendem com os interesses da metropole; ha leis aqui feitas, de interesse geral, que não são «adoptadas» nas colonias...

—Em resumo...

—Quasi pode dizer-se que a criação dos Altos Comissarios—eu assim penso—não veiu a ser senão prejudicial á solução do nosso problema geral. Se a alguem aproveita, não é, certamente, a Portugal...

* * *

As missões—outro problema que surge sempre que se fala de colonias.

—**E' assunto para larga conversa.** Dir-lhe-hei, entretanto, que, por uma orientação absurda, as missões religiosas portuguesas tendem a desaparecer.

O nosso entrevistado põe em contraste a falta de recursos delas e as largas dotações das estrangeiras e das «inuteis missões laicas» (a frase é dele).

—Vivem na miseria, as poucas que lá ha, ensinando, com os fracos recursos de que dispõem, a lingua portuguesa e diversos oficios, aos indigenas.

Uma nota triste para nós:

—As estrangeiras, sobretudo as protestantes (inglesas e americanas) vivem bem, largamente protegidas pelos seus governos. Teem bons rendimentos, concessões importantes, e, em regra, fazem propaganda contra nós, deprimindo-nos perante o indigena, e ensinando-lhe a sua lingua.

—Acha necessaria uma larga protecção ás nossas missões religiosas?

—Absolutamente. Todos a reconhecem, mesmo. Simplesmente, uns por comodismo, outros por medo, calam-se e nada fazem. E assim vai tudo...

—Na provincia de Moçambique...

—Aí, o problema apresenta um aspecto grave, pela desnacionalização profunda, resultante disso. Andam por cincoenta, e ricas, não contando com as respectivas radiações, as missões estrangeiras. Emquanto as nossas, pobres, sem recursos, não chegam a dez... E' triste!

O nosso entrevistado prossegue na enumeração do que observou e concluiu na sua viagem:

—Mas é tudo assim! Os hospitais, que eram um modelo de limpeza, de carinho, de cuidado, quando as irmãs de caridade, sem despeza do Estado, tratavam os doentes, são hoje um desastre. Pobre de quem lá cai! E' um horror!

E o sr. Peres Trancoso conta-nos pormenores, sobre essas e outras questões.

Fala-se depois da politica interna. Mas isso fica para outro dia...

AGUAS PASSADAS...

O CASO DE VILA FRANCA

Carlos Augusto Jacques RESPONDE AO capitão Virgilio Costa

Com o pedido de publicação, recebemos a seguinte carta do sr. Carlos Augusto Jacques, que há dias concedeu uma entrevista ao *Diario de Lisboa*:

Sr. director—Devido aos transtornos motivados pela prisão que sofri, só hoje me é possivel responder á carta que o capitão sr. Virgilio Costa fez publicar no vosso jornal, do dia 3 do corrente, ainda sobre o caso de Vila Franca, passado em dezembro findo. Devido aos meus afazeres comerciais, há muito que estou afastado das lutas politicas, mas, em virtude dos infames atentados cometidos em 19 de outubro, prestei-me a auxiliar o governo Cunha Leal, quando ele fez o cêrco a Lisboa, e, assim, lembrei as estações de Sacavem e Vila Franca, para garantirem as comunicações ao governo, caso os outubristas se revoltassem e tomassem a central telegrafica.

Foi em face deste alvitre que eu fui procurado em minha casa, na madrugada em que o governo do sr. Cunha Leal foi para Caxias, por dois emissarios amigos, os quais me comunicaram que o governo saira para o Campo Entrincheirado, e que, estando na rua o movimento revolucionario extremista, o governo pedia o nosso auxilio e que fossemos tomar as estações acima referidas, tendo-se os outros meus colegas prestado a coadjuvar o governo, vindo ter comigo, pois uns já estavam avisados do que se passava, e os outros iam sê-lo. Foi nessa ocasião que me disseram ter sido o sr. capitão Virgilio Costa quem havia ido transmitir o pedido do governo. Preguntando aos emissarios pela credencial do governo que nos habilitasse a apresentarmo-nos naquelas estações, foi-me dito que o governo mal teve tempo de retirar nos automoveis, porque, se se demorassem, seriam presos. Contrariado, acedi ao pedido que me faziam, partindo depois com os meus colegas para Sacavem, onde nos apresentámos ao oficial de serviço, a quem contámos o que nos foi dito, pedindo nós para ele telefonar para o quartel general do Campo e dizer ao sr. Cunha Leal o que acabamos de expôr.

A resposta foi que fossemos tomar conta das estações, conforme estava combinado. Partimos a seguir para as estações, e ali apenas nos limitámos a aguardar ordens que nunca chegaram. Em face disso resolvemos retirar para Lisboa, sendo nessa ocasião que o tal alferes da G. N. R. e administrador nos mandou prender.

Como estivemos presos 6 dias, por termos sido parvos em acudir numa situação critica áquele governo, jurei nunca mais querer saber da politica. Foi isto que se passou comigo.

Agradecendo a v. a publicação desta carta, sou de v., etc., *Carlos Augusto Jacques.*

Na Sociedade de Geografia

No proximo dia 11, pelas 21 horas, realiza na Sociedade de Geografia uma conferencia sobre assuntos das nossas possessões ultramarinas o distinto colonial, capitão de cavalaria sr. Alberto Faria de Morais.

FESTAS DE CARIDADE

organizadas pelo sr. governador civil

O chefe do distrito está organizando umas festas, com quermesse e tombola, que se realizam nas noites de 22, 23 e 24, no Terreiro do Paço, cujo produto reverte a favor da Albergaria de Lisboa e doutras casas de caridade, tendo já recebido grande numero de objectos, ofertas de varios comerciantes da nossa praça.

A REPRESSÃO DO JOGO

e os assaltos de ontem aos clubs

O agente Gonçalves, acompanhado de todo o piquete do governo civil, percorreu de madrugada os cinco clubs da baixa, que se conservam abertos, tendo feito a alguns deles doze visitas.

Nada encontrou que motivasse procedimento policial.

Limpeza e conservação do calçado obtem-se uzando o CREME CRISTALINO

Sapataria Contente, L.da

74, RUA DO CARMO, 74

Café Restaurant Roma

(Antiga Flôr de S. Roque)

100 — RUA DO MUNDO — 104

Optimo serviço á lista.

Almoços e jantares de mesa redonda.

Fornece serviços completos de «lunchs», jantares e «soirées», etc.—Excelentes gabinetes.—Telefone 4:520-Norte.

—— Preços sem competencia ——

FUERTES, LIMITADA

Secção de leilões e liquidações

62--P. DOS RESTAURADORES--68

TELEFONE—NORTE 3171

Liquidações de fabricas, oficinas, casas particulares, espolios e stocks de mercadorias em armazem e na Alfandega

Leilões nos domicilios—Venda em leilão e em particular no salão de vendas, para o que recebe moveis, objectos de arte, antiguidades, etc.

Venda de propriedades em leilão e em particular

COMISSÕES REDUZIDAS, LIQUIDAÇÕES EM 24 HORAS

PAPELARIA VIUVA MARQUES

TELEFONE C. 2676

ARTIGOS DE ESCRITORIO E DE FANTASIA — LIVROS COMERCIAIS PARA ESCRITURAÇÃO

Tintas e material para :—: desenhadores :—:

Papeis continuos, tela, vegetal e Marion para desenho

Canetas com tinta—Caixas de papel de luxo

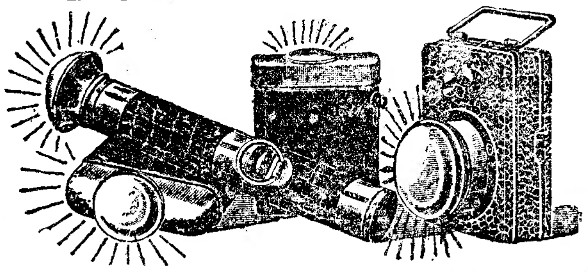
Executam-se trabalhos tipograficos e litograficos

Timbragens a relevo—Encadernações simples e de luxo

PREÇOS MODICOS

34 a 38, RUA DO OURO, 34 a 38—LISBOA

ELECTRICIDADE PORTATIL



Lampadas d'algibeira, Bastões, Tarches, Lanternas para trazer na mão. Pilhas e baterias

Descontos aos revendedores

Remete-se para a provincia

CASA TRIUNFO

Rua Augusta, 72 e 74
LISBOA

Esta casa é incontestavelmente a mais bem fornecida

Banco Industrial Português

Séde em Lisboa: RUA AUGUSTA, 114

CAPITAL AUTORIZADO 50.000:000$ LISBOA CAPITAL REALIZADO 5.000:000$

Operações — Descontos — Transferencias — Emprestimos e creditos em conta corrente—Compra e venda de cambiais—Cartas de credito sobre o país e estrangeiro—Depositos á ordem e a praso — Guarda de titulos — Aluguer de cofres (casa Fichet, Paris)

FILIAIS: PORTO—COIMBRA—VIANA DO CASTELO—SANTAREM—FARO E PONTA DELGADA

Correspondentes: Nas principais terras do pais e em todas as praças do estrangeiro

Pinto & Sotto Mayor

BANQUEIROS

LISBOA — Rua do Ouro, 18, 24

PORTO — Praça da Liberdade, 28, 29

REPRESENTANTES EM PORTUGAL DO

BANCO PORTUGUEZ DO BRAZIL

Operações financeiras—Fundos publicos nacionaes e estrangeiros

AO HERPETOL

Devo o aveludado da minha pele

Este maravilhoso medicamento para uso externo provoca um imediato bem estar. Após poucos dias de tratamento o padecente vê em via de cura todos os casos de eczema humido e seco, crostas duras, espinhas e erupções.

A comichão desapareceu como por encanto. Em alguns casos uma só aplicação é o bastante para uma cura.

E' o medicamento por excelencia para todas as molestias da pele, entre elas eczemas, crostas, chagas, acné, erupções, espinhas, manchas, sarna, ardencia na pele e as causadas por mordeduras de insectos. Não hesite e compre sem demora um frasco, que se vende nas principais farmacias e nos depositos: em Lisboa, rua da Prata, 237. No Porto, rua Passos Manuel, 65.

CONTENTE, L.DA

CALÇADOS CHICS

RUA DO CARMO, 74

DFS

Instalações electricas

Orçamentos gratis

MATERIAL ELECTRICO

Grande stock de lampadas

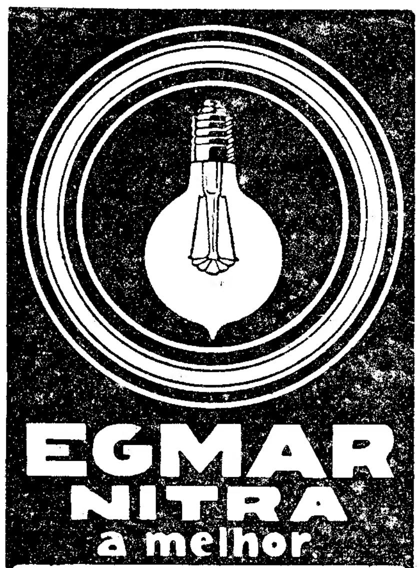
PHILIPS-ARGA

E' quem vende mais barato

Preços especiais aos revendedores

Telefone C. 5430 / Telegrafo DIFONSO — DIAS, FONSECA & SOTO MAIOR L.da

Rua dos Fanqueiros, 122—LISBOA



AS DE MAIOR DURAÇÃO
AS DE MENOR CONSUMO
AS QUE DÃO MELHOR LUZ
SEM CONTESTAÇÃO POSSIVEL
SUPERIORES A TODAS AS MARCAS
DEPOSITARIOS GERAES PARA TODO O PAIZ:
SOCIEDADE LUSITANA DE ELECTRICIDADE AEG

LISBOA — R. DOS FANQUEIROS 12

PORTO — R. SÁ DA BANDEIRA 215

MAQUINAS DE ESCREVER

NOVAS e usadas. Reparações e reconstrucções garantidas. Accessorios. Quintino Ltd.a. Tel. N. 3285. CALÇADA DO DUQUE, 3, 1.º (Junto ao Rocio).

Uma chavena de cacau da

S. I. C.

equivale, como alimento, a 5 chavenas de café!

Além d'isso o cacau beneficia a saude e o café prejudica-a

DAS 5 PARTES DO MUNDO — ESTRANGEIRO — DAS 5 PARTES DO MUNDO

NO PARLAMENTO FRANCÊS

MR. VIVIANI
E AS RESPONSABILIDADES DA GUERRA

Mr. Poincaré
censura os comunistas de quererem tirar á Alemanha algumas responsabilidades

PARIS, 7

A camara dos deputados votou por 445 votos contra 29 que fosse afixado o discurso proferido pelo sr. Viviani. Proseguindo depois a discussão das interpelações sobre as responsabilidades da guerra, o deputado comunista Cachin criticou o que ele chamou a politica russa e balkanica do sr. Poincaré anteriormente aos acontecimentos de 1914 e insinuou que a França levou a Russia a fazer a guerra, recordando a tentativa do falecido ex-imperador Carlos e lastimando que essa tentativa não desse resultado algum, prolongando assim a guerra.

O sr. Poincaré subiu á tribuna e leu a carta de protesto que ao deputado Courtal foi dirigida por um operario mutilado de Clermont Ferrand, pedindo-lhe que acabasse com a distribuição abominavel de manifestos de propaganda que ele prosseguia contra o sr. Poincaré. A camara aplaudiu demoradamente o presidente do conselho. Este, entrando depois no fundo da questão, censurou os comunistas por quererem tirar á Alemanha uma parte das responsabilidades para as lançarem sobre a França e mostrou como a Alemanha procurou na Inglaterra, nos Estados-Unidos e até na França fazer a mesma campanha que prosseguia na sua casa para engeitar as responsabilidades.—(H.)

Um pedido de Poincaré

PARIS, 7

Poincaré pediu á camara dos deputados que permitisse a continuação do debate sobre as responsabilidades da guerra para fazer justiça ás calunias proferidas na sessão anterior pelo deputado comunista Vaillant Couturier, ao qual Poincará respondeu triunfante no meio das aclamações gerais de toda a camara.—(L. A.)

E você a dar-lhe... Experimente a POLIRINA?...

Mais barato...

Porquê?

Porque as nossas fazendas de lã para fatos são fabricadas e vendidas directamente ao publico por preços baratissimos.

Para quê?

Para beneficiar o publico, porque se tornava necessario que alguem tomasse essa iniciativa e nós

Donas da Covilhã

fomos os primeiros que para esse fim abrimos depositos em Lisboa. Rua dos Fanqueiros, 187, 2.º, e no Porto, rua Fernandes Tomás, 392-A.

NÃO ESQUECER!!...

Os fatos em Paletot e Jaquetão, Fardamentos, Calças, Coletes de Fantasia, Casacos de alpaca. Sobretudos e outros agasalhos que ha feitos e se executam por medida na

CASA DAS TESOURAS

51, 51-A, R. E. Politecnica, 53, 55

OS CASOS DA SEMANA

Poincaré e Litvinoff

O ataque dos comunistas ao chefe do governo francês

A RUSSIA VAI ENVIAR UM «ULTIMATUM» ÁS NAÇÕES CAPITALISTAS?

Dois factos igualmente importantes ha a mencionar: o ataque dos comunistas a Poincaré na Camara Francesa e o proposito em que se encontra Litvinoff de enviar um «ultimatum» ás nações capitalistas que com ele estão reunidas em Genova.

* * *

Os deputados comunistas Lafout e Berton interpelaram Poincaré sobre a supressão da imprensa socialista e expulsão de alguns jornalistas nas colonias e protectorados franceses. Isto seria um caso sem importancia se Vaillant Couturier, que se lhes seguiu no uso da palavra, não tivesse enveredado pela censura á politica do governo francês em 1914.

Em certa altura Poincaré exclamou: «Diz-se continuamente que fui eu o responsavel da guerra. Pois bem! se ha quem deseje este debate que o diga! depois nos explicaremos».

Vaillant Couturier replicou que não podia transformar já o debate numa interpelação em forma por lhe serem necessarios certos documentos que não possue na ocasião. Mas em virtude da gravidade da acusação, a interpelação ficou marcada para o dia seguinte.

* * *

Este deputado Vaillant Couturier, que assim atribue a Poincaré a responsabilidade da guerra, foi o mesmo que em 1914 assinou o apelo socialista em que este se unia ao governo para defesa da nação.

Esta sessão da Camara dos Deputados ficará celebre. Sem querermos compartilhar da opinião de Conturier, não podemos deixar de dizer que não se formula uma acusação desta natureza sem que algumas provas se possam apresentar. Mas ainda que os partidos da direita se não deixem convencer, a acusação de Conturier, quer as suas provas sejam convincentes ou não, exercerá uma enorme influencia nos partidos das esquerdas de França e de todo o mundo, e na Alemanha.

* * *

O caso de Litvinoff não é menos inesperado, ainda mesmo para os que o esperavam —passe o paradoxo.

Por muito pequenas que fôssem as ilusões ácêrca da intransigencia russa que qualquer alimentasse, ainda que essas ilusões fôssem tão diminutas que em espirito se admitisse a hipotese do *ultimatum*, o ver que esta temeraria hipotese se transforma de repente em realidade causa tamanha surpreza que parece nunca ela ter atravessado o espirito de ninguem para cá da fronteira russa.

E, no entanto, depois de uma série de conversas que nada têm adiantado; esse «ultimatum» está iminente e é natural que ámanhã já o telegrafo o tenha comunicado—a menos que as nações capitalistas, para evitarem um rompimento brutal, se apressem a dar uma resposta satisfatoria antes de a darem sob uma ordem, ou de desistirem de a dar sabe-se lá por quanto tempo.

Em resumo, o que se tem passado em Haia, é o seguinte: Litvinoff trazia ordens rigorosissimas. A acção de Tchitcherine não agradou porque não foi decisiva.

Os «soviets» não estão dispostos a perder tempo em conferencias inuteis, e querem saber apenas isto: as nações capitalistas emprestam-lhes ou não emprestam dinheiro, e quanto?

Isto é que a Russia quere saber para determinar as obras por onde principiar a sua reconstrução e o tempo que levará nessa obra. Em sabendo isso, tratará do resto.

Litvinoff pediu autorisação á conferencia para apresentar um questionario em que preguntava quais os valores das reclamações que iam ser apresentadas sobre os bens particulares.

Esta autorisação não foi concedida, por parecer que a forma desse questionario era muito inquisitorial.

As negociações continuaram a arrastar-se, a conferencia não resolve nada e Litvinoff, que apenas quere uma coisa, em logar dum questionario enviará á conferencia um «ultimatum» preguntando quanto, e se está disposta a emprestar dinheiro á Russia.

Não é facil adivinhar o que vai suceder, porque—posta de lado a questão do emprestimo—a Russia prefere tratar isoladamente com cada nação, ao passo que o numero destas, pelo contrario, e são as mais intransigentes, de quantas hipoteses encaram com pouco desejo, a que menos lhe agrada é de verem cada nação entender-se com a Russia conforme a ambas convier.

VISITAI

A GRANDE EXPOSIÇÃO DE QUADROS ANTIGOS E MODERNOS NA 68, RUA DE SERPA PINTO, 70

Teatro Chiado Terrasse

HOJE--A's 8 1|2 e 10 1|2 da noite--HOJE

2 sensacionais espectaculos 2

Ultima semana em que a galante revista

Tiro ao alvo!

se apresenta por sessões

5 preciosos numeros novos 5

Segunda-feira, 10 — Estreia do quadro ROMARIAS

1 apoteose nova 1

Novos numeros e varios atracções

A revista completamente remodelada, passando a constituir um

ESPECTACULO INTEIRO

Sexta-feira, 14--Festa de Silvestre Alegrim

TEATRO SÃO LUIZ

A'manhã — ás 9 e 1|2 da noite — Sabado

Inauguração da epoca de verão

Primeira representação de

A REVISTA DE PRAXEDES

Fantasia em 2 actos e 14 quadros, original de ANDRÉ BRUN, musica VASCO DE MACEDO

Enscenação de Henrique de Sant'Ana — Scenarios de Campos & Oliveira; Renda, Serra & Amancio; Reynaldo Martins; Reis, filho; Viegas e Calderon — Indumentaria de Castelo Branco — Cabeleiras de Victor Manuel — Montagem scenica de José Sant'Ana — Acessorios de scena de Carlos Durão e montagem electrica de Carlos Simões — Um só espectaculo em cada noite

NO PARLAMENTO INGLÊS

INQUERITO
ÁS ATROCIDADES NA ASIA MENOR

Haumsworth
disse no Parlamento que as propostas inglesas só fôram aceites em principio

LONDRES, 7

Acêrca do inquerito a que se está procedendo sobre as atrocidades cometidas na Asia Menor, Haumsworth sub-secretario de Estado dos Negocios Estrangeiros, declarou na camara que as propostas britanicas tinham sido aceites em principio pela França, Italia e Estados Unidos, sendo entretanto necessario fazer certas modificações por motivo da discussão provocada pelas chancelarias.—(L. A.)

Ecos da grande guerra

LONDRES, 7

Segundo o «War Ofice», a Alemanha, após o armisticio, conseguiu rehaver 33.484 canhões, 47.367 metralhadoras, 4.362.839 espingardas e 1.730 aeroplanos.—(L. A.)

As regiões devastadas

LONDRES, 7

Realizar-se-ha no proximo dia 14 a recolha de donativos para as regiões francesas devastadas, da iniciativa do «Comité» de Socorros Britanicos.—(L. A.)

Uma pensão

LONDRES, 7

Acaba de ser preso Iveichaced, um dos agressores de Hardieu.—(L. A.)

E v. ex.ª zangada... A POLIRINA limpa tudo!...

CINEMA CONDES

O «RAID» AEREO AO BRASIL

Todos os elogios são poucos para o explendido «film» que está exibindo no Cinema Condes todas as extraordinarias peripecias do «raid» aereo ao Brasil. O magnifico «film», o mais completo que é possivel imaginar, acompanha no programa do Cinema Condes as exibições dos «Três Mosqueteiros», que vai no seu 4.º capitulo, e da extraordinaria comedia dramatica em 5 actos «Bèlesa angelical, belissima produção americana.

Quereis poupar o calçado? Usae o CREME CRISTALINO

Sapataria Contente, L.da

74, RUA DO CARMO, 74

Gama

GRANDE VARIEDADE DE BILHETES, FRACÇÕES E CAUTELAS para todas as LOTERIAS

Fornece para revender PREÇOS CORRENTES

Pelo correio mais $15 para registo

Telefone: 1:020 — CENTRAL

Pedidos a

F. SILVA GAMA

R. do Amparo, 51—LISBOA

6 HORAS DA TARDE — ULTIMAS NOTICIAS — 6 HORAS DA TARDE

EM COIMBRA

NA PROCISSÃO da Rainha Santa

tomam parte 15:000 pessoas

(*Continuação da 4.ª pagina*)

lambidas de luz, como grandes cartazes de electricidade. Ha cabeças ás janelas; o povo enche a praça; vermelhos vivos de colchas.

A Rainha Santa atravessa agora as arvores que estenderam em resa as suas ramadas. Oh! ela vem branca a descer o Mondego, viva como mulher, viva como rainha de Portugal, flôr de sonho que não tem mais sonho para dar! Os seus olhos são alma, alma é a sua face! O povo chora, ajoelha e aquele rio silencioso de oiro, decorre lentamente.

A' entrada da ponte o ceu é outra vez fogo. Vieram as estrelas postar-se em fila, a lua, unico cristal onde a Santa Izabel se viu e que é como ela, mais do que ela, suave e linda, branca, toda chama espiritual.

A musica põe febre nos olhos que, já não têm mais lagrimas. E ela é triste, sem ser religiosa.

Sobre a ponte a procissão para. Os anjos, mil anjos, que são outros tantos mil milagres de todo um ano, que são as mil rosas que a Santa dá a Coimbra, vestidos de branco, azas que pousam agora mesmo em terra, marcham sem olhar, ser vêr, alma confiada em Deus. A' frente as cruzes vão altas; ondulam guiões; atraz, a Rainha, caminha entre rosas, para a sua cidade toda branca de luzes. Queima-se incenso, uma nuvem sobe, vai toda circundar e pôr resplendor na imagem. Um passo, dois passos mais, e a procissão pára. A musica toca. E' agora a entrada na cidade. O largo está cheio de gente e as casas brancas de luz, com fachos de vermelho nas janelas.

O momento supremo. A Rainha passou o ultimo arco, está já em chão da cidade. Toda a gente olha para o céu. Um foguete, duas lagrimas, depois todo o fogo, o Mondego visto até muito longe. O céu é colorido violentamente; pezo de fogo arde. Há chamas que cáiem no meio da procissão entre as mulheres. Ninguem se mexe. Elas podem morrer queimadas. Ninguem se mexe. A Santa protege-as. O povo que estava na praça rompeu a procissão e fez procissão. Dezassete mil pessoas, rio que jámais não terá fim. A luz sobe no céu, inunda-o, é cataracta deslumbrante e rica de oiro que cái em pétalas. Ninguem se mexe, ha coisas a arder. Não importa! A Santa está ali, serena, seu sorriso de virgem purissima, Virgem Santissima e mãe dos portugueses. Oiro em catadupas, a escorrer lentamente do ceu. Os anjinhos, as promessas, as santas, as mulheres que vêm de burnel, com mantas, com rosas, em perigrinação, as descalças, as que vêm a chorar, as outras de preto, todo aquele cortejo, que nos põem lagrimas nos olhos e uma desesperança na nossa vontade de escrever e dar o quadro, não têm um gesto. O silencio é tão grande que o rio Mondego morreu.

A procissão entra na praça, circunda as ruas pobres; as crianças, nos coretos, têm uma vez de canto embaladora e distinta. A Rainha Santa, que é delas, vai para Santa Cruz, depois de as ter ouvido. Lá ficou.

Artur Portela

DE LUTO

Antonio Veloso

Realizou-se ante-ontem em Setubal o funeral do sr. Antonio Veloso, extremoso pai do sr. Julião de Andrade Veloso, agente da Casa de Credito Popular, daquela cidade.

O funeral foi muito concorrido, vendo-se muitas pessoas de Lisboa e daquela cidade e uma representação dos Bombeiros Voluntarios de que o filho do extinto foi comandante.

A toda a familia enlutada envia o «Diario de Lisboa» sentidos pezames.

A carestia da vida

Dizem-nos da Arcada:

Parte do comercio já está congeminando a forma de contrariar e iludir as medidas anunciadas pelo governo para reprimir o injustificado aumento dos preços dos generos. Se o governo persistir no seu proposito, dentro em breve muitos generos de primeira necessidade desaparecerão das vistas do publico e passarão a ser vendidos clandestinamente por preços muito mais exorbitantes. Isto são factos que a pratica autorisa a prevêr.

O REGIONALISMO

O Congresso Beirão

O capitão sr. Almeida Moreira director do museu Grão Vasco

diz-nos que nas sessões foram discutidas teses de grande importancia não tendo sido descurados os assuntos de arte

O Congresso Beirão conseguiu accentuar uma nota de vitalidade que beneficamente ha de influir num futuro proximo nas regiões nele interessadas.

Em apontamentos sinteticos e em cronicas de feitio literario que os nossos leitores muito têm apreciado, já Artur Portela se referiu a essa valiosa parada de forças produtivas.

Mas as exigencias do jornalismo que fazemos, todo de ideias e de factos, impuzeram-nos a obrigação de colher da boca dum congressista que já regressou a Lisboa impressões detalhadas.

Abordámos o capitão sr. Almeida Moreira, director do Museu Grão-Vasco, artista autentico, inteligencia perfeita. Numa expressão clara, despretenciosa, viva, o sr. Almeida Moreira respondeu deste modo á primeira pregunta que lhe endereçamos:

—As sessões, embora não demasiadamente concorridas por congressistas, decorreram na melhor ordem, tendo-se discutido algumas téses com certa elevação.

Basta dizer-lhe que nas discussões tomaram parte o ilustre reitor da Universidade, dr. Antonio Luís Gomes, que assistiu a quasi todas as sessões, os lentes dr. Rocha Brito, —que apresentou uma erudita tése sobre o tratamento de leprosos—o sr. José Alberto dos Reis, que falou sobre o alargamento da Relação de Coimbra—e o dr. Anselmo Ferraz de Carvalho, que propoz a criação de postos climatologicos em todos os liceus e o restabelecimento da cadeira de agricultura na Universidade de Coimbra.

—Quem foi a alma do Congresso?

—O dr. José Cardoso, indiscutivelmente. Mas é justo citar tambem como congressistas entusiastas os srs. dr. Alvaro de Castro, dr. José Julio Cesar, dr. Henrique de Loureiro, dr. Paulo Menano, visconde de Pedralva, Duarte Veiga, dr. Elmano da Cunha e Costa, Artur Costa, Alfredo Ferreira, dr. Mario Ramos, Torres Garcia, dr. Alves dos Santos, Pestana de Vasconcelos, Humberto Beça, dr. Camilo Valente, Tomás da Fonseca, Rodrigues Loureiro, dr. Felizardo Saraiva, enrte muitos outros.

—Sobre algumas das teses produziu-se acalorada discussão...

—A tese do dr. José Julio Cesar sobre viação acelerada, estradas, arborisações e turismo, teve larga e levantada discussão, bem como a do sr. dr. Cunha e Costa «A industria de lanificios na Covilhã» e a do sr. dr. Alves dos Santos, sobre municipalizações dos serviços lucrativos de utilidade publica.

—V. ex.ª ocupou-se no Congresso dos monumentos de Coimbra?

—E' certo. Referi-me de uma maneira geral a todos, ou quasi todos, os monumentos das Beiras, aonde abundam, como sabe, os de estilo romanico e do romanico de transição, romanico ogival, e de protecção de que eles carecem. Estando em Coimbra, referi-me naturalmente ao ultrage, em via de completa realisação, que eu considero o maior barbarismo artistico cometido no meu tempo em Portugal —o café já crismado de «Manelsinho» mesmo antes da sua apresentação ao publico—construido nas dependencias do mosteiro que o padroeiro da cidade de Vizeu—o prior S. Teotonio—fundou e onde repousam os restos do fundador da nossa nacionalidade.».

O capitão Almeida Moreira pronuncia estas ultimas palavras com uma indignação sincera, flagrantemente demonstrativa da sua sensibilidade artistica. E continúa:

«—Uma verdadeira vergonha, tal obra! Para mais, executada na formosa cidade de Coimbra, sede dum concelho de Arte e arqueologia, de que eu sou, em Vizeu, vogal correspondente. Foi principalmente nessa qualidade que eu no Congresso quiz deixar bem marcada a minha maneira de ver sobre tão estupendo caso, lavrando o meu mais veemente protesto contra semelhante ultrage. Tive a grande satisfação ao ver as minhas palavras apoiadas pelo vogal do Conselho de Arte de Coimbra, sr. Tomás da Fonseca, que, usando da palavra, disse dos esforços que empregou para evitar tal adaptação, tendo proposto até, em tempo, que ali se instalasse uma biblioteca popular.

Mas, tudo em vão! A politica mesquinha de campanario suplantou as melhores rasões, e assim teremos um café, instalado nas dependencias dum edificio que é monumento nacional!... Simplesmente fantastico!

—E a Academia, como corpo de élite que é, não protesta contra esse facto?

—Felizmente entre a academia ha uma grande corrente contra esse café. E até se fala numa greve. Os estudantes não o frequentarão.

Não faz sentido que um catolico entre num café instalado numa dependencia duma igreja e para os não catolicos, mas, patriotas, decerto repugnará estar a tomar um refresco, acompanhado de «jazz-bande», paredes meias **com os restos mortais daquele que foi o fundador da nossa nacionalidade!**

Porque é bom que se saiba que aquela dependencia tinha comunicação directa com a igreja.

Uma vergonha!

— Qual a impressão que lhe deixaram as exposições?

— Perdem, talvez, por estarem espalhadas. Mas não havia edificio que comportasse tudo. A mais interessante de todas, pelo seu conjunto, é a exposição artistico-industrial instalada na associação academica. Ali se vêem as mais variadas manifestações artisticas de artes caseiras da Beira: tecidos, bordados, rendas, etc., e as mais brilhantes provas dos artistas de Coimbra, Aveiro e Vizeu: faianças, pintura, escultura, fotografia, os trabalhos em ferro, em lata, etc.»

E finalisando a sua palestra, sempre aludindo a assuntos de arte, que são a sua preocupação dominante, o sr. Almeida Moreira afirma, quando lhe preguntamos, em conclusão, o que pensa dos resultados do esforço empregado:

— Quanto a mim, como ainda ontem me dizia Luciano Freire, abençoado congresso se com a sua proposta sobre os quadros de S. João de Tarouca se conseguir emfim que eles se salvem de uma ruina certa.

Os roubos da Exploração do Porto de Lisboa

Suicidou-se um empregado superior que estava para ser preso

Hoje de manhã o chefe Xavier, que tem estado a tratar das investigações ácerca dos roubos praticados na Exploração do Porto de Lisboa, procedeu a uma diligencia de que resultou prender o trabalhador Carlos Cesario de Carvalho.

Quando o referide chefe se dirigia ao armazem A do entre-posto de Alcantara a fim de prender José Marcelino de Araujo, empregado superior da alfandega, chefe da delegação naquele entre-posto, foi encontra-lo enforcado.

Em face deste acontecimento o chefe Xavier ordenou a comparencia do juiz de paz da freguezia de Alcantara e do respectivo sub-delegado de saude que verificaram o obito, sendo o cadaver removido para a Morgue.

DEPUTADOS

A VIDA CARA é o caso do dia

Um discurso do chefe do governo

A sessão de hoje abriu ás 15,15, estando na sala 39 deputados.

***

O sr. dr. Domingos Pereira propõe um voto de pezar pelo falecimento do sr. dr. Lopo de Carvalho. Associam-se a esse voto os srs. Antonio da Fonseca, Ginestal Machado, Almeida Ribeiro, Canceia d'Abreu, Lino Neto e Fausto de Figueiredo.

Em negocio urgente o sr. Amaral Reis trata, com consentimento da camara, do problema da carestia da vida.

Uma frase do seu discurso:

—Não se vive em regime de comercio livre, mas sim em regime de roubalheira livre.

O orador condena os portugueses que colocam os seus capitais no estrangeiro. Diz que a carestia da vida provocará a desordem nas ruas se o governo não tomar as providencias que o caso requere.

* * *

O sr. presidente do ministerio responde ao sr. Amaral Reis. Faz-se silencio.

Do discurso do sr. Antonio Maria da Silva, frequentemente interrompido com apoiados vibrantes, extractamos as afirmações seguintes:

Brinca-se com o fogo e, se alguem se queimar, não faltarão os pedidos de providencias feitos ao governo, precisamente por aqueles que mais têm contribuido com a sua ganancia criminosa traduzida em condenaveis especulações para o agravamento do problema economico.

EM SETUBAL

AS FABRICAS FORAM HOJE FECHADAS pelos industriais

SETUBAL, 7—(Pelo telefone)—As fabricas de conservas foram hoje encerradas pelos industriais, que ha dias haviam concedido o aumento reclamado pelos operarios por terem grande abundancia de peixe. Só estão dispostos a abrir as fabricas com os antigos salarios. Ha grande agitação

OS AVIADORES EM S. PAULO

UM ALMOÇO E UM BAILE

Os dois arrojados aeronautas vão ao Rio Grande do Sul?

S. PAULO, 7 — Os aviadores almoçaram no Jardim da Europa. O seu proprietario ofereceu-lhes terreno, no valor de 23 contos, para a construção de um palacete.

Em seguida, visitaram o presidente do Governo do Estado, que se mostrou orgulhoso por descender de portugueses.

No Instituto Historico houve uma brilhante sessão solene em sua honra, tendo sido aclamadissimos.

O baile no Portugal Club foi uma linda festa, em que tomou parte toda a sociedade elegante de S. Paulo.

Têm-lhes sido e vão ser oferecidos, pela entidades oficiais e pela colonia portuguesa, inumeros banquetes e festejos.

Gago Coutinho e Sacadura Cabral tencionam visitar o Rio Grande do Sul. —(N. L.).

LEI DO INQUILINATO

CONSULTAS, depositos, notificações, acções de despejo, acôrdo entre SENHORIOS e INQUILINOS, e todos os assuntos de advocacia com seriedade, rapidez e economia. R. GARRETT, 50, 2.º (Chiado). Telf. C. 5356.